Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Abordagens sobre a região jornalística e a região midiática[1]

Approaches on the journalistic region and the media region

Antônio Heleno Caldas Laranjeira

Palavras-chave: Mediatização Profunda; Regionalização Midiática; Senso Público.

No atual modelo capitalista de urbanização da Amazônia, as populações, muitas vezes migrantes, ocupam lugares determinados em função das estruturas de produção industrial e agropecuária, que tem base na matéria-prima oriunda da fauna, da flora e dos recursos minerais e hídricos da "região amazônica" (BECKER, 2004, p. 14). No entanto, o significado da "Amazônia" é uma concepção que mudou no Jornalismo especificamente, a partir das ações do primeiro portal de "geojornalismo" (ROCHA, 2015; FLÔRES, 2017; SUBIRES-MANCERA, 2018), um modelo jornalístico inovador.

O portal *InfoAmazonia*, objeto investigado neste artigo, foi reconhecido, em 2013, como rede de inovação na América Latina, como organização finalista do *Premio de Periodismo García Marquez*. O portal é amparado, economicamente e tecnicamente, por contratos com organizações como o *Earth Journalism Research* (EJR) e *International Center for Journalists* (ICFJ) e apoiado, juridicamente, pela *Amazon Conservation Team* e o *Centro de Estudios Jurídicos y Sociales* (Dejusticia).

A partir da perspectiva contemporânea do comunicólogo Andreas Hepp (2020), o geojornalismo pode ser categorizado como fenômeno da "mediatização profunda" (*deep mediatization*), uma fase avançada do processo de mediatização em determinados

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

subsistemas particulares da sociedade, um processo no qual todos os elementos da realidade social são indissociáveis, contraditórios e solidários às mídias digitais e suas infraestruturas. Segundo a comunicóloga, Liana Rocha:

> O Geojornalismo pode ser, portanto, considerado um modelo do sistema pós-industrial de Jornalismo na medida em que apresenta relevante quantidade e qualidade de dados, faz uso da tecnologia para elaborar narrativas e formatos diferenciados, amplia as possibilidades de trabalho para o jornalista (veículos independentes/alternativos) e permite a convergência entre áreas até então pouco prováveis. (ROCHA, 2015, p. 14).

Hepp argumenta que novos estudos sobre a mediatização profunda devem estar voltados para "ações locais" e "organizações inovadoras" de informação e comunicação com impactos globais. O autor alemão destaca as noções de "comunidades pioneiras" (entre *hackers*) e "coletividades de plataforma" (entre *makers*) (HEPP, 2020, p. 30)

Para compreendermos as relações entre a mediatização do regional e a "regionalização dos *media*", apontaremos a seguir algumas teorias críticas que pretendem pensar o processo da mediatização pela interdisciplinaridade, entre a Comunicação e a Geografia, de modo a não desprezar a *amplificação* do espaço e nem a *aceleração* do tempo nesta breve e acentuada reflexão sobre o *aprofundamento* das narrativas das notícias.

A concepção de "regionalização da mídia" (AGUIAR, 2016, p. 104) apresenta as noções de "escala jornalística" (idem. p. 40) e "região midiática" (idem. p 66), que podem ser associadas, de modo progressivo, às epistemologias de "produção jornalística" (primeiridade), "reconhecimento regional" (secundidade) e "circulação midiática" (terceiridade) de acordo com a perspectiva da teoria "semio-antropológica" da mediatização (VERÓN, 1993; 2013).

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Neste artigo assinala-se uma contribuição desta aproximação epistemológica e metodológica: a "região midiática" é um conceito, de base funcionalista, sobre a realidade da "zona de reconhecimento" de uma organização de *media*; por sua vez, a "região jornalística" é um conceito, de base estruturalista, para observarmos a realidade da "rede de produção" de um *media* em um contexto espacialmente identificável em sua escala geográfica, seja ela local, regional, nacional ou internacional.

Estas concepções articulam uma reflexão sobre os "reconhecimentos da notícia" em relação aos territórios e regiões em que as paisagens e os lugares narrados pelos *media* estão contidos. São reflexões sobre a "circulação mundializada", o "reconhecimento regionalizado" e a "produção globalizada" sem desconsiderar o que é comum à escala geográfica global e o que é particular à escala local dos fatos. Em outras palavras, são reflexões sobre os limites, as divisas e as fronteiras da Pan-Amazônia (BECKER, 2004), para compreensão dialética da realidade da região da "Amazônia", conforme os mapeamentos do "espaço vivido" (SANTOS, 1979).

O estilo tecnodiscursivo (FAUSTO NETO, 2016) que está representado na forma de imagens cartográficas – produzidas na escala local, reconhecidas na escala regional e circuladas na escala internacional – por mediação de uma comunidade pioneira de "*hackers* globais" associada com organizações que operam como "*makers* locais" com institucionalidade internacional, o que origina matérias de relevância sob uma organização unificada há oito anos: o portal *InfoAmazonia.*

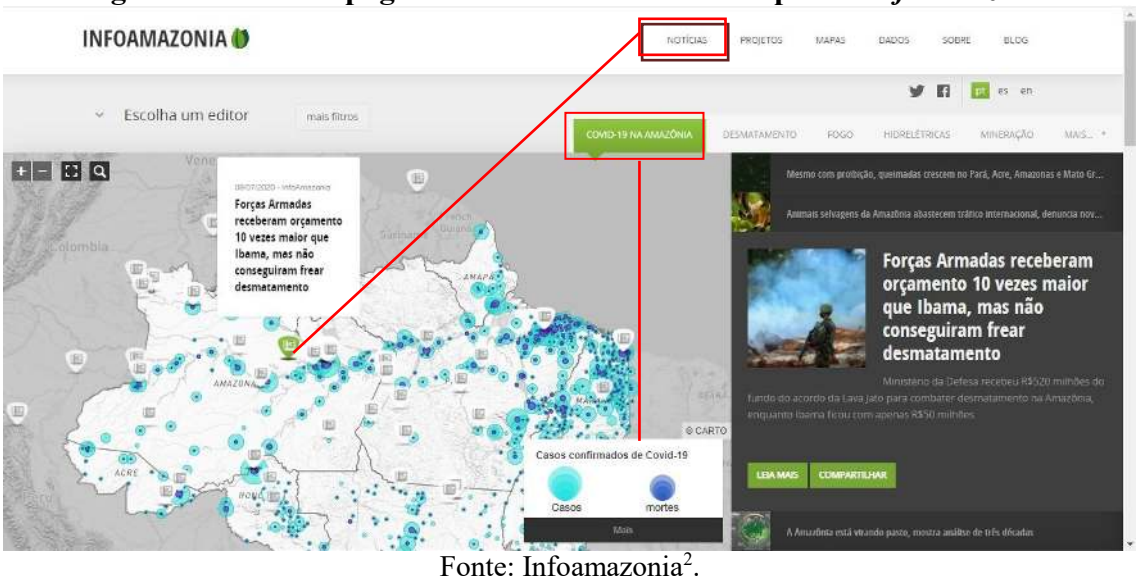
Metodologia e análise de conteúdos

Com o objetivo indicar conceituações e categorizações apropriadas para uma breve reflexão sobre o geojornalismo, realizamos neste artigo duas acentuadas análises de conteúdos dos mapas do portal *InfoAmazonia* relacionados a um dos fatores de riscos que afetaram os povos amazônidas do Brasil em 2020: a covid-19. Vale ressaltar que

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

durante a pandemia outras zonas de riscos e suas temáticas potenciais – como desmatamento, queimadas, hidrelétricas, mineração, terras indígenas – não deixaram de ser representadas e relacionadas pelos mapas e aos mapas.

Figura 1. Primeira página da sessão de notícias do portal *InfoAmazonia*



Fonte: Infoamazonia[2].

Conforme a Figura 1, observou-se que a aparência da primeira pagina (*frontpage*) da sessão de notícias do portal *InfoAmazonia*, divide-se basicamente entre o mapa regional das notícias e as manchetes seguidas de uma fotografia destaque da matéria seguida de uma breve prévia do conteúdo textual; nota-se que as matérias de relevância, vistas na escala macro do mapa da Figura 1, demonstram uma "dispersão dos pontos" em relação às "concentrações de manchas", o que possibilita averiguarmos empiricamente os conceitos de 1) região jornalística, ou seja, os pontos que representam

[2] Disponível em: https://infoamazonia.org/pt/news/#!/map=51549&story=post-53505. Acesso em: 06 ago. 2020.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

os lugares das notícia; e a 2) região midiática, em outros termos, as manchas que representam os territórios da covid-19.

Resultados

Afirmamos que o cruzamento de modo simultâneo entre o "mapa da região jornalística" e o "mapa da região midiática" do *InfoAmazonia* possibilita uma análise qualitativa de conteúdo local-regional capaz de compreender e distinguir as categorias "região midiática" e a "região jornalística", bem como os conceitos de "lugares de produção", "redes distribuição" e "zonas de reconhecimento" de um *media*, de modo indissociável, contraditório e solidário. De modo sobreposto, os mapas da "rede de notícias" e das "zonas noticiáveis" permitem a compreensão de dois fatores: 1) "dispersão da região midiática", conforme a "macha gráfica do mapa"; e 2) "concentração da região jornalística", conforme os "pontos gráficos do mapa". Estes termos permitem avançar na reflexão e inovar na ação jornalísticas na Internet, o que tem ocorrido; o *InfoAmazonia* é modelo editorial seguido por outros 10 portais de notícias com base em dados Geoespaciais, na África, na Ásia e na Oceania.

Conclusões

Explicitamos uma necessária internalização interdisciplinar dos conceitos de "escalas de produção jornalística", "redes de circulação global" e "regiões de reconhecimento midiático", nos campos da Comunicação e da Geografia, através das reflexões sobre os desafios e as direções das teorias e práticas da Regionalização. Lido de modo interdisciplinar, o geojornalismo destaca-se pela "interinstitucionalidade" que tem como consequência uma "virada de paradigma" do "senso público" promovida pelas "narrativas geojornalísticas". Nessa "virada espacial" (*spacial turn*), o "ofício do

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

cartógrafo" é um tema de interesse tanto dos geógrafos quanto dos comunicólogos; os usos e as regulações das plataformas de mapas online estruturam uma *esfera pública* na qual são processadas ações de conservação e de alteração da *opinião pública* sobre o *espaço público* do presente, sobre o passado e pelo futuro amazônico.

Referências

AGUIAR, S. **Territórios do Jornalismo – Geografias da Mídia Local e Regional no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

BECKER, B. **Amazônia – Geopolítica na Virada do 3º Milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FAUSTO NETO, A. Trajetos de pensar em companhia In: LOPES, M. I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016.

FLÔRES, V. **Midiatização Amazônica: a construção sistêmico-discursiva do InfoAmazonia** (Dissertação de Mestrado). Santa Maria: UFSM, 2017.

HEPP, A. **Deep Mediatization: Key Ideas in Media & Cultural Studies**. New York: Routledge, 2020.

ROCHA, L. O Geojornalismo como modelo do sistema pós-industrial. In: **Anais do 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**. Rio de Janeiro, set 2015.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido.** São Paulo: Edusp, 1979.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

SUBIRES-MANCERA, M. Los mapas en el Periodismo de Datos. Análisis temático y estudio de casos en prensa digital. **Anales del VI Congreso Internacional de la AE-IC**. Salamanca, jun 2018.

VERÓN, E. **La Semiosis Social. Fragmentos de una teoría de la discursividad.** Barcelona: Gedisa, 1993.

_____. **La Semiosis Social 2. Ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.